



---

## A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA

*The Word of God in Liturgy*

Edvanderson Cordeiro Severino<sup>1</sup>

**RESUMO:** Estas reflexões têm o intuito de demonstrar as três realidades sensíveis da Palavra: a assembleia, a proclamação e o símbolo, a fim de que os que se utilizarem delas compreendam a importância da leitura-proclamação da Palavra de Deus, como fundamento do diálogo entre Deus e seu povo e um dos modos da presença de Cristo na Liturgia. Elas buscam também oferecer, de maneira sintética, alguns pontos para a valorização da Palavra e para uma espiritualidade litúrgica fundamentada em sua proclamação, escuta, compreensão e vida. Por fim, a presente pesquisa procura evidenciar, dentro do contexto histórico e litúrgico, a importância de celebrar a Palavra de Deus como verdadeira ação litúrgica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Liturgia; Comunidade; Proclamação; Sinal; Símbolo.

**ABSTRACT:** These reflections aim to demonstrate the three perceptible realities of the Word: the assembly, the proclamation, and the symbol, so that those who make use of them understand the importance of the reading-proclamation of the Word of God as the foundation of dialogue between God and His people and as one of the modes of Christ's presence in the Liturgy. They also seek to offer, in a concise manner, some points for the appreciation of the Word and for a liturgical spirituality based on its proclamation, listening, understanding, and life. Finally, this research seeks to highlight, within the historical and liturgical context, the importance of celebrating the Word of God as a true liturgical action.

**KEYWORDS:** Liturgy; Community; Proclamation; Sign; Symbol.

A liturgia como ação da comunidade eclesial é o espaço primordial em que a Palavra de Deus ressoa com particular eficácia. Nela, “Deus fala a seu povo; Cristo continua a anunciar o Evangelho. E o povo responde a Deus com o canto e a oração”<sup>2</sup>. Desta forma, a própria celebração litúrgica, que se alimenta e se apoia na Palavra de Deus, transforma-se num acontecimento novo e enriquece a própria Palavra com uma nova interpretação e

---

<sup>1</sup> Mestrando em Liturgia Pastoral pelo Instituto di Liturgia Pastorale (ILP) de Pádua, Itália, e especialista em Liturgia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: edvanderson\_cordeiro@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: IGREJA CATÓLICA. *Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 33.

eficácia<sup>3</sup>. Assim, a Palavra de Deus é o eixo fundamental de toda a liturgia cristã. Ela é ouvida por meio de diversos ritos e num estilo que depende da cultura de cada povo ou Igreja.

Suas três realidades essenciais, em seu aspecto sensível, são a assembleia, a palavra e o símbolo. Neste artigo nos ocuparemos da assembleia como comunidade celebrante, da Palavra como elemento fundante e do sinal como elemento por excelência da presença do Mistério Pascal<sup>4</sup>

## 1. A comunidade celebrante

A comunidade celebrante tem suas raízes no Antigo Testamento quando Deus chama, elege e separa para si, Israel, dos demais povos para fazer dele uma comunidade religiosa. Há um momento em sua história que Israel deixa de ser uma tribo nômade e se converte em Povo de Deus. Este momento se situa na primeira grande assembleia celebrada pelos hebreus aos pés do monte Sinai, imediatamente depois de sua libertação do Egito, onde festejaram a constituição de seu povo como Povo de Deus. A tradição bíblica chama este acontecimento de assembleia de Iahweh<sup>5</sup>.

“A assembleia litúrgica é, portanto, um sinal sagrado, uma epifania da Igreja sacramento da salvação no meio do mundo. Prefigurada na assembleia cultural no deserto”<sup>6</sup>. Esta assembleia se caracteriza por quatro elementos integrados em uma admirável unidade: a convocação que Deus fez ao seu povo, a presença de Deus em seu meio, sobretudo mediante a palavra que Ele dirigiu por meio de Moisés, a adesão do povo às propostas de Deus e o sacrifício conclusivo que selou a aliança entre Deus e seu povo<sup>7</sup>.

Deus se comunicou com os homens por meio de sua Palavra. Mas a Palavra divina espera uma resposta. Com efeito, a Palavra de Deus convoca o povo (Cf. Ex 12) e o constitui em assembleia Pascal litúrgica, como sacerdócio régio e povo de sua pertença para anunciar a todo

---

<sup>3</sup> Cf. Introdução ao Lecionário da Missa. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 3.

<sup>4</sup> Cf. Introdução ao Lecionário da Missa. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 3.

<sup>5</sup> Cf. IBÁÑEZ, José Antonio Abad. *La celebración del misterio cristiano*. Pamplona: EUNSA, 1996, p. 125.

<sup>6</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 167.

<sup>7</sup> Cf. Ex 19-24.

<sup>8</sup> Cf. IBÁÑEZ, José Antonio Abad. *La celebración del misterio cristiano*. Pamplona: EUNSA, 1996, p. 125.

mundo as obras de Deus: “Guarda silêncio, Israel e escuta: hoje tu te tornaste o povo do Senhor teu Deus” (Dt 27, 9)<sup>9</sup>.

Esta assembleia é a primeira de uma série que se repetirá de forma substancialmente idêntica, ainda que algumas se revistam de um valor especial, como a celebrada em Siquém, sob a presidência de Josué depois da entrada na terra prometida, a realizada por Salomão por ocasião da dedicação do templo e a celebrada depois do exílio babilônico. Juntas, elas formam “uma contínua manifestação da presença invisível da Sabedoria de Deus, que ia preparando os tempos messiânicos”<sup>10</sup>.

O Novo Testamento testemunha a substituição do antigo Israel por um novo Israel, que é e se sente herdeiro das antigas promessas, uma vez que é possuidor dos bens de uma nova e definitiva Aliança. Este novo Povo celebra sua primeira grande assembleia por ocasião de Pentecostes, em íntima relação com a assembleia que congrega em Jerusalém, hebreus de todas as localidades, para celebrar esta festa anual.

Esta Palavra de Deus, que é proclamada na celebração dos divinos mistérios, não só se refere às circunstâncias atuais, mas também olha para o passado e penetra o futuro, e nos faz ver quão desejáveis são as coisas que esperamos, para que, no meio das vicissitudes do mundo, nossos corações estejam firmemente postos onde está a verdadeira alegria<sup>11</sup>.

Desse modo, a assembleia cristã rememora as antigas assembleias de Israel e as leva a sua plenitude, transcendendo-as e suplantando-as, ainda que conserve elementos fundamentais: Deus convoca seu povo pelo sacrifício redentor de seu Filho, a presença do Deus-Emanuel no meio de seu povo, a adesão deste povo à Palavra que Deus lhe dirige por meio da Palavra encarnada e o sacrifício eucarístico que sela a nova Aliança entre Deus e seu novo povo.

O povo de Deus é chamado a escutar continuamente a Palavra de Deus (*cf.* Rm 10, 8-17; Jo 14,15), e preferi-la acima de qualquer outra coisa (*cf.* Lc 10, 38-42); mas, além disso, o povo da Palavra é caracterizado pela missão recebida do Senhor de anunciar o Evangelho a todas as nações (*cf.* Mt 28, 18-20), para que todos os homens venham a fazer parte da assembleia pascal dos discípulos do Senhor (*cf.* HB 2,1-11). Todo batizado e confirmado pelo Espírito Santo é Servido da Palavra e Mensageiro do Evangelho (*cf.* 1Cor 9,16)<sup>12</sup>.

Por outra parte, também o novo povo é inteiramente sacerdotal e se reúne para celebrar uma outra vez a obra salvífica gerada por Cristo, pelo seu sangue, porque sente a

---

<sup>9</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, historia, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 154.

<sup>10</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, historia, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 167.

<sup>11</sup> Introdução ao Lecionário da Missa. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 7.

<sup>12</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, historia, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 155.

necessidade de cumprir a missão de anunciá-la e realizá-la, entre os demais povos da Terra, com a predicação e a celebração do Mistério Pascal da morte e ressurreição do Senhor.

Consequentemente, a assembleia litúrgica é a congregação do novo povo de Deus, reunido para celebrar de uma ou de outra forma a nova Aliança, mediante a escuta da Palavra de Deus, a adesão à vontade divina que esta atualiza e, sobretudo, a participação no sacrifício eucarístico, centro e ápice de toda a atividade cultural e missionária deste novo Povo de Deus.

### 1.1. Natureza da assembleia litúrgica

A assembleia litúrgica não é um grupo indiferenciado, um aglomerado de pessoas, ou massa. É sempre um povo “ordenado”, “organizado”. Assim, a assembleia litúrgica não é e nem pode ser tratada, como um amontoado de pessoas, um grupo desorganizado, sem cabeça ou uma massa anônima, informe e dispersa. Trata-se de uma comunidade organizada, um corpo vivo, cujos membros se articulam em torno de um mesmo objetivo, buscando-o e o cultivando, bem como desempenhando diferentes atividades ou funções, movidos pelo Espírito Santo. Ela é dotada de ministérios e serviços. Seu exercício estará a serviço da participação ativa, interna, consciente e frutuosa da assembleia.

Esta diversidade é afirmada pelo Concílio: “Nas celebrações litúrgicas, cada ministro ou simples fiel, ao desempenhar seu ofício, fará tudo e só aquilo que lhe cabe pela natureza e pelas normas litúrgicas”<sup>13</sup>.

Numa assembleia, é preciso respeitar a diversidade de funções e de serviços em seu interior e também a diversidade dos ministros. A celebração litúrgica é uma espécie de sinfonia na qual cada instrumento intervém no momento oportuno. Não tem sentido que uma mesma pessoa assuma todas as funções, ou grande parte delas. Um preside, outro coordena, anima a celebração, outro dirige o canto, alguém proclama a Palavra e, assim por diante.

Enfim, a assembleia litúrgica servida por um conjunto de ministros manifesta e realiza a “Igreja toda ministerial” e a diaconia que é sua vocação. A presença e a participação dos fieis por meio de gestos, palavras, aclamações e posturas corporais tornam visíveis esplendidamente a Igreja em ação.

---

<sup>13</sup> Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: IGREJA CATÓLICA. *Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 28.

## 1.2. Funções e ministérios da comunidade celebrante

A Liturgia como ação de Cristo e da Igreja é uma ação ministerial. Pelo exercício dos ministérios e funções, todos os membros de uma assembleia contribuem cada um a seu modo, com base nos dons e carismas recebidos, “para a edificação do corpo eclesial, sacramento da unidade”<sup>14</sup>, logo tanto os ministros ordenados como os leigos têm uma função especial de serviço na assembleia litúrgica, e toda ela, como comunidade eclesial de discípulos, está como missionária ao serviço do mundo.

Dessa forma, é justo e louvável que, para o bem da comunidade e de toda Igreja, fieis leigos exerçam funções referentes à celebração da Sagrada Liturgia, desde que “estejam devidamente preparados e se distingam pela vida cristã, fé, conduta e fidelidade ao Magistério da Igreja”<sup>15</sup>.

Sendo assim, a ação litúrgica e a participação ativa da assembleia são servidas dos ministérios multiformes, os quais a Igreja divide entre ordenados e não ordenados (instituídos, confiados e serviços litúrgicos)<sup>16</sup>.

### 1.2.1. Ministérios ordenados

Quando o carisma é, ao mesmo tempo, reconhecido e conferido a uma pessoa através de um sacramento específico, o Sacramento da Ordem, que visa constituir os ministros da unidade da Igreja na fé e na caridade, de modo que a Igreja se mantenha na Tradição dos apóstolos e, através deles, fiel a Jesus Cristo, ao seu Evangelho e à sua missão<sup>17</sup>.

### 1.2.2. Ministérios não-ordenados

#### a) Ministérios instituídos:

---

<sup>14</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Guia litúrgico-pastoral*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, [s.a], p. 93.

<sup>15</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Redemptionis Sacramentum sobre alguns aspectos que se deve observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 46.

<sup>16</sup> Esta divisão orienta-se pelo *Guia Litúrgico-pastoral* da CNBB, no entanto, o documento *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, também elaborado pela CNBB, ainda enumera os Ministérios simplesmente reconhecidos, que recebem este nome, porque em muitas das funções que os leigos e leigas exercem são assumidos sem nenhuma forma canônica e, mesmo, sem um gesto litúrgico.

<sup>17</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 70.

São confiados àqueles que desejam consagrar-se especialmente a Deus e à Igreja enquanto candidatos à ordem do diaconato e do presbiterado. “Além dos ministérios instituídos de leitor e acólitos, há os de acólito e leitor por encargo temporário, aos quais são adidos outros ofícios descritos no Missal Romano”<sup>18</sup>.

Não havendo acólito instituído, podem ser delegados ministros leigos para o serviço do altar e ajuda ao sacerdote e ao diácono, que levem a cruz, as velas, o turíbulo, o pão, o vinho e a água, ou também sejam delegados como ministros extraordinários para a distribuição da sagrada Comunhão. Na falta de leitor instituído, sejam delegados outros leigos, realmente capazes de exercer esta função e cuidadosamente preparados, para proferir as leituras da Sagrada Escritura, para que os fiéis, ao ouvirem as leituras divinas com um suave e vivo afeto pela Sagrada Escritura<sup>19</sup>.

“São chamados assim, quando a função é conferida pela Igreja através de um rito litúrgico chamado ‘instituição’”<sup>20</sup>. “Na Igreja latina os ministérios instituídos são apenas os ministérios de leitor e acólito, criados pelo Papa Paulo VI, no *Motu proprio Ministeria quaedam*”<sup>21</sup>. O modelo para a criação de outros ministérios foi dado, mas a Igreja tem preferido limitar-se a formas menos institucionalizadas de ministérios, como são os reconhecidos, os confiados.

#### b) Ministérios confiados:

“São os ministérios conferidos a um membro da comunidade, por meio de um gesto litúrgico simples ou por alguma forma canônica”<sup>22</sup>. O documento sobre a *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*, elaborado pela CNBB nos diz que:

Onde a necessidade da Igreja aconselhar, podem também os leigos, na falta de ministros, suprir alguns de seus ofícios, a saber: exercer o ministério da Palavra, presidir orações litúrgicas, administrar o batismo e distribuir a Sagrada comunhão, de acordo com as prescrições do direito<sup>23</sup>.

---

<sup>18</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Redemptionis Sacramentum sobre alguns aspectos que se deve observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 33.

<sup>19</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 110-111.

<sup>20</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 70.

<sup>21</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 71.

<sup>22</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 70.

<sup>23</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 24.

“É o caso, por exemplo, dos ministérios da sagrada comunhão e do batismo e de outros ministérios cuja colação e exercício dependem de iniciativa prévia da autoridade na Igreja, às vezes o próprio pároco, às vezes o bispo ou alguém delegado por ele”<sup>24</sup>.

c) Outras funções ministeriais e serviços litúrgicos:

São ministérios que não são instituídos, mas que podem ser um serviço litúrgico de forma estável, ou ocasional, como é o caso dos coroinhas, leitores, salmistas, animadores, instrumentistas e cantores.

## 2. A proclamação e interpretação da Palavra de Deus

### 2.1. Proclamação da Palavra de Deus

A liturgia cristã herdou da sinagoga o costume de ler algumas passagens do Antigo Testamento; costume este que influenciou a posterior incorporação na liturgia, dos escritos neotestamentários. São Justino<sup>25</sup>, em seu relato, o mais antigo e completo da liturgia eucarística, atesta esta práxis:

No dia que se chama sol, reúnem-se todos os que moram nas cidades e nos campos, e então se lêem, enquanto o tempo permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e um convite para imitarmos estes ensinamentos na vida. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos preces. Depois de terminadas as preces, como já dissemos oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus preces e ações de graças e todo o povo consente, dizendo: Amém<sup>26</sup>.

Desde então, na liturgia da Celebração Eucarística se há proclamado algumas leituras bíblicas. As leituras do Antigo Testamento se fazem em chave cristã, vendo nelas uma profecia referida a Cristo, segundo Ele mesmo explicou aos discípulos de Emaús e aos apóstolos, quando lhes ensinava que tinha de ser cumprido o que estava escrito na lei, nos profetas e nos Salmos<sup>27</sup>. Por outra parte, a inclusão da leitura veterotestamentária junto

---

<sup>24</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 70.

<sup>25</sup> “Filósofo e mártir escreveu sua primeira apologia em Roma, em torno do ano 150, foi o primeiro a nos oferecer uma imagem coesa da missa cristã. O relato deve ser entendido primeiramente com relação a Roma, mas, no que diz respeito aos traços descritos, vale certamente para todo mundo o mundo cristão que Justino perpassou” (JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 39-40).

<sup>26</sup> JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 40.

<sup>27</sup> Cf. Lc 24,44.

às outras do Novo Testamento, responde a um conceito unitário e linear da História da Salvação, com diversas etapas orientadas para uma mesma meta: a obra redentora.

Esta concepção da *história salutis* explica também a incorporação da leitura dos escritos dos apóstolos, pois a Igreja continua entre Pentecostes e a parusia a obra de seu fundador. Existe, portanto, uma única história, da qual não se pode excluir nenhum dos seus momentos, pois estes são parte integrante e complementária de um todo.

A história é feita pela humanidade, que, com suas culturas, estabelece as metas e abre novas estradas. Quando Deus é a inspiração, os passos representam a salvação escatológica e provocam as libertações históricas. Assim, a história transforma-se em *história da salvação* e sua característica fundamental é ser pascal. Como consequência, o povo de Deus nunca volta atrás, mas escatologicamente caminha sempre para frente, refazendo com perspectivas novas o êxodo em busca da terra prometida e reafirmando como Josué: “Quanto a mim e à minha família serviremos o Senhor (Js 24,15)<sup>28</sup>”.

Em relação ao número de leituras da celebração eucarística, existe uma grande diversidade, se bem que no ocidente quase todas as liturgias utilizam-se de três leituras. O método de leitura tampouco tem sido uniforme. Atualmente ele oscila entre a leitura contínua, semi-contínua e pelo sistema de perícopes. Também há de se destacar que, alguns livros foram reservados para certos tempos litúrgicos, conferindo-lhes uma expressão peculiar. Por exemplo, a leitura do Pentateuco no início da quaresma e o Evangelho de João, os Atos dos Apóstolos e, às vezes, o Apocalipse, para o tempo pascal.

Quanto aos livros usados nas leituras, primeiro se utilizou o mesmo código da Bíblia, sendo que o presidente da celebração indicava o final da leitura; depois se escreveram nas margens os *incipit e explicit* de cada leitura, mais tarde se criaram índices de leituras, que podiam aparecer no início ou no final do código, ou em um livreto a parte; por último foram compostos os lecionários, com os textos que são utilizados na liturgia.

A reforma realizada às vésperas do Concílio Vaticano II, potencializou a qualidade e a quantidade da presença da Palavra de Deus, tanto na celebração eucarística, como na celebração dos demais sacramentos, sacramentais e no ofício divino.

Na liturgia Eucarística, frente ao anterior ciclo anual com duas leituras, foi introduzido um ciclo de três anos e três leituras no lecionário dominical, e um ciclo bienal para as leituras das semanas do tempo ordinário. Deste modo, em um breve espaço de tempo o povo poderia escutar as partes mais importantes da Sagrada Escritura. No Ofício Divino continua vigente o ciclo anual.

---

<sup>28</sup> COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 5.



A respeito dos sacramentos, pela primeira vez na história da liturgia romana, suas celebrações contêm uma Liturgia da Palavra, no sentido estrito, com leituras ricas e variadas. Os sacramentais também estão concebidos para serem celebrados no marco de uma Liturgia da Palavra. E, inclusive, está previsto que, em determinados momentos do ano litúrgico e da vida cristã, haja celebrações específicas da Palavra<sup>29</sup>.

## 2.2. Explicação da Palavra de Deus

A Igreja também herdou da sinagoga, juntamente com a Leitura das Escrituras, sua explicação: “Ele enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no atentos. Então começou a dizer-lhes”<sup>30</sup>. “Sabemos que no tempo de Jesus, terminada a leitura do texto bíblico na sinagoga, fazia-se a homilia que se encerrava com a *qaddis*, oração aramaica da qual Jesus tomou, ao que parece, as duas primeiras petições do Pai-nosso”<sup>31</sup>. A homilia é um comentário das leituras proclamadas, adaptada à celebração e às necessidades da assembleia, com fim de ajudar os fiéis a captar melhor a mensagem expressa nas leituras, a responder suas exigências e facilitar sua participação consciente e frutuosa<sup>32</sup>.

Sua existência na celebração também foi testemunhada por São Justino, “ainda que não seja provável que se remonte à mesma época apostólica e à primitiva comunidade de Jerusalém, com fiéis acostumados a escutar uma explicação do texto Sagrado”<sup>33</sup>. Segundo Justino, “quando o leitor acaba, o que preside exorta e incita com palavras à imitação dessas coisas excelsas”<sup>34</sup>. Em todo caso, desde o século II todas as Igrejas conhecem a homilia da eucaristia dominical. O Concílio Vaticano II prescreve que a homilia deve ser feita durante os domingos e dias festivos, no entanto, recomenda que seja exercida em toda Celebração Eucarística ferial e dos tempos fortes e nas demais celebrações, especialmente nas sacramentais.

---

<sup>29</sup> Cf. IBÁÑEZ, José Antonio Abad. *La celebración del misterio cristiano*. Pamplona: EUNSA, 1996, p. 125.

<sup>30</sup> Lc 4, 20-21a.

<sup>31</sup> Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A Homilia*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 17.

<sup>32</sup> Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A Homilia*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 23.

<sup>33</sup> Cf. IBÁÑEZ, José Antonio Abad. *La celebración del misterio cristiano*. Pamplona: EUNSA, 1996, p. 127.

<sup>34</sup> BOROBIO, Dionísio (Org.). *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990, p. 204.

Recomenda-se vivamente a homilia, como parte da própria liturgia; nela, no decurso do ano litúrgico, são apresentados os textos sagrados, os mistérios da fé e as normas da vida cristã. Nas missas dominicais, porém, e nas festas de preceito, concorridas pelo povo, não se omite a homilia, a não ser por motivo grave<sup>35</sup>.

Para que a homilia alcance seu objetivo, é necessário que seja fiel à Palavra de Deus, à assembleia e ao rito que se celebra<sup>36</sup>.

A fidelidade à Palavra de Deus exige transmitir integralmente sua mensagem, todavia, como a Palavra de Deus proclamada contém mensagens nucleares e periféricas e está envolta por uma roupagem literária muito variada, rica e, às vezes, complexa, requer um conhecimento da exegese bíblica. Ademais, como a compreensão salvífica da mensagem tem sido confiada à Igreja, enquanto Sacramento de Cristo<sup>37</sup>, também necessita seguir, amorosa e docilmente, o Magistério da Igreja, único depositário e intérprete autêntico da Palavra de Deus<sup>38</sup>. Por outra parte, como a mensagem das leituras está condicionada pela celebração, é necessário que se conheçam os critérios que motivaram a eleição dos textos.

### 2.3. Relação entre Palavra de Deus e liturgia

A constatação de que a Palavra de Deus proclamada na liturgia segue um esquema, um ritmo e algumas normas que não coincidem com a distribuição do cânon bíblico, põe em relevo o fato dessa Palavra possuir conotações teológicas específicas. A Palavra de Deus é única, porém seus tesouros são múltiplos:

Nas diferentes celebrações e nas diversas assembleias, das quais os fiéis participam de maneira admirável, exprimem-se os múltiplos tesouros da única Palavra de Deus, seja no transcorrer do ano litúrgico, em que se recordam o mistério de Cristo em seu desenvolvimento, seja na celebração dos Sacramentos e dos Sacramentais da Igreja, seja nas respostas de cada fiel à ação interna do Espírito Santo. Desse modo, a mesma celebração litúrgica, que se sustenta e se apoia principalmente na Palavra de Deus, converte-se num acontecimento novo e enriquece a palavra com uma nova interpretação e eficácia. Por isso, a Igreja continua fielmente na Liturgia o mesmo sistema que usou Cristo na leitura e interpretação das Sagradas Escrituras, visto que ele exorta a aprofundar o conjunto das Escrituras, partindo do “hoje” de seu acontecimento pessoal<sup>39</sup>.

---

<sup>35</sup> Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: IGREJA CATÓLICA. *Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 52.

<sup>36</sup> Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A Homilia*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 23.

<sup>37</sup> Cf. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: IGREJA CATÓLICA. *Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 1.

<sup>38</sup> Cf. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. In: IGREJA CATÓLICA. *Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 10.

<sup>39</sup> Cf. Introdução ao Lecionário da Missa. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 3.

A partir desta perspectiva podemos compreender que a Palavra de Deus não é uma realidade estática e fechada, e sim viva e aberta. Ela se remete à liturgia para atuar e atualizar em um fecundo e incessante *hic et nunc*; enquanto a liturgia se remete à Palavra para ser o que é: atualização perene da obra redentora<sup>40</sup>.

Sendo assim, podemos concluir que a proclamação e explicação da Palavra na Liturgia é uma realidade cultural, porque o acontecimento que se lê na Sagrada Escritura se atualiza, de modo que, além de ser realidade proclamada é também realidade confessada e comunicada pela Liturgia e, por isso mesmo, realidade que atua no mistério de nossa redenção.

### 3. Simbolismo litúrgico

A celebração litúrgica aparece como um conjunto de sinais. O sinal é um meio de comunicação e de encontro. Na perspectiva da expressão, os sinais da liturgia foram escolhidos para comunicar o mundo interior daqueles que tomam parte na ação litúrgica, e, também, como mediações para a experiência religiosa. Mas os sinais litúrgicos estão, antes de tudo, a serviço da presença e da realização de uma salvação que está destinada aos homens em suas circunstâncias históricas e existenciais.

A primeira coisa a observar é que na liturgia tudo se faz sob o véu dos sinais sensíveis e por seu trâmite. Portanto, toda a liturgia e cada uma das suas partes individuais possuem valor de sinal. Em tudo *aliud videtur et aliud intelligitur*. Já a simples presença de uma comunidade de fieis em uma igreja para a celebração litúrgica tem valor de sinal. É uma expressão sensível daquelas relações atuais, secretas, invisíveis entre Deus e a humanidade em regime de graça, em Cristo. Não é uma assembleia qualquer, mas, para quem sabe ver através do véu do sinal, é uma convocação, uma *ekklesia* de Deus<sup>41</sup>.

Dessa forma, podemos dizer que a liturgia é, em certo sentido, um sinal, ou melhor, um conjunto de ações simbólicas. Todavia, “ainda que na liturgia tudo tenha valor de sinal, nem tudo significa alguma coisa. Não somos, de modo algum, abandonados à arbitrariedade e ao fantástico na determinação da existência e do valor preciso de cada sinal”<sup>42</sup>.

Na vida humana, sinais e símbolos ocupam um lugar importante. Sendo o homem um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual, exprime e percebe as realidades espirituais por meio de sinais e de símbolos materiais. Como ser social, o homem precisa de sinais e de símbolos para

---

<sup>40</sup> Cf. IBÁÑEZ, José Antonio Abad. *La celebración del misterio cristiano*. Pamplona: EUNSA, 1996, p. 132.

<sup>41</sup> VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 60.

<sup>42</sup> VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 60.

comunicar-se com os outros, pela linguagem, por gestos, por ações. Vale o mesmo para sua relação com Deus<sup>43</sup>.

O ritualismo simbólico é, portanto, necessário ao homem e indispensável para a religião, uma vez que a sua comunicação é feita por meio de palavras e sinais. Assim, podemos classificar a liturgia como “uma constelação de sinais e símbolos”<sup>44</sup>.

Segue-se que, “convêm esclarecer o significado preciso de sinal e de símbolo diante do uso tão frequente que se faz dessas palavras”<sup>45</sup>, pois, pertencem ao mesmo universo da comunicação mística, mas não se identificam. Fazem parte do mesmo conjunto de mitos e ritos, dentro das experiências humanas, mas possuem características e leis próprias a serem reconhecidas.

### 3.1. Sinal

Segundo Domenico Sartore: “chama-se sinal uma realidade sensível que revela em si mesma uma carência e remete a outra realidade ausente ou não presente de igual modo”<sup>46</sup>. Ele é um elemento natural, anteriormente neutro, que se torna carregado de um significado novo, a partir de sua vivência, “é uma coisa que, além da forma própria que imprime nos sentidos, leva ao conhecimento de outra diferente em si mesma”<sup>47</sup>.

“Não obstante, quando o termo sinal é usado em sentido mais específico (e, sobretudo em relação ao símbolo), com ele em geral se pretende indicar uma realidade sensível que remete a um significado preciso, mas de caráter convencional”<sup>48</sup>. O sinal se relaciona com o objeto ou sentido indicado, a partir de uma convenção natural.

Ao remeter a uma nova realidade, esta realidade traz em si uma dimensão de mistério, que lhe é peculiar. Este mistério não pode ser expresso, pois é vivencial. Quando o sinal é apresentado aos olhos do sujeito que celebra, na liturgia, todo mistério presente na realidade que ele contém invade a pessoa por inteiro: seu conhecimento racional, seu

---

<sup>43</sup> IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. Edição típica vaticana. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 1146.

<sup>44</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 229.

<sup>45</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 222.

<sup>46</sup> SINAL. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1143.

<sup>47</sup> AGOSTINHO *apud* MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 222.

<sup>48</sup> SINAL. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1143.

conhecimento sensível e, especialmente, emocional. Mais ainda, invade sua dimensão religiosa, tocando o núcleo de suas crenças. Uma vez que, “o sinal também é demonstrativo de realidades invisíveis presentes, da graça santificante e do culto a Deus”<sup>49</sup>.

Para Julián López Martín<sup>50</sup>, para se analisar o valor de um sinal deve-se levar em consideração algumas condições, o sinal deve:

- a) Ser distinto do significado, que está mais além do significante.
- b) Depender de alguma forma do significado e, portanto, ser menos perfeito que este.
- c) Guardar alguma relação de semelhança com o significado, e ser, por sua vez, dessemelhante.
- d) Ser mais conhecido que o significado.

Contudo, não basta que existam sinais, é preciso que a sua interpretação seja adequada e coerente, porém, “não podem ser interpretados em sentido funcional ou segundo o método alegórico”<sup>51</sup>. Parece até redundante afirmar que a finalidade de um sinal é exatamente indicar, direcionar o olhar e o modo de percepção, em vista de revelar o todo a partir do particular.

Enfim, os sinais “introduzem a uma realidade que os transcendem, a eventos determinados a que se acham ligados. Devem ser compreendidos e celebrados na sua plena e autêntica realidade simbólica”<sup>52</sup>.

### 3.2. Símbolo

O termo símbolo (do grego *sym-bállo* – juntar), em nível etimológico indicava uma parte, um fragmento que exigia ser completado por outra parte para formar uma realidade completa e funcional<sup>53</sup>. “No mundo antigo, o símbolo, no sentido etimológico de compor, desempenhava um papel inteiramente prático”<sup>54</sup>.

---

<sup>49</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, historia, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 229.

<sup>50</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, historia, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 223.

<sup>51</sup> SINAL. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1147.

<sup>52</sup> SINAL. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1147.

<sup>53</sup> SINAL. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1143.

<sup>54</sup> HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 8.

O *symbolon* era um objeto, quebrado em duas partes, de barro, madeira ou metal, que precisava ser composto. Uma pequena imagem, um anel, um dado que carecia se compor, uma vez dividido, para reobter seu sentido e definição e servir como sinal de reconhecimento. Amigos pessoais ou sócios de negócio, credores e devedores, peregrinos ou também pessoas que estavam em outras relações entre si quebravam o símbolo ao se despedir. Assim, podiam mais tarde reconhecer-se ou reconhecer os seus enviados em qualquer época pelo sinal que se podia compor entre si, adaptando-se inteiramente as duas partes<sup>55</sup>.

Mas em sentido antropológico, hoje se fala geralmente de símbolo quando se tem um significante que não remete a um significado preciso, porém, sim a outro significante<sup>56</sup>.

Temos um bom exemplo do uso do vocábulo *symbollein* no Evangelho de Lucas (2,19): “Maria, porém, guardava todos estes fatos, conferindo-os em seu coração”, isto é, ela compunha em seu coração o que era propriamente incomponível: o divino e o humano, revelação e experiência. Nesse emprego, o símbolo se reconhece com clareza clássica como não-estático, como sempre nova tarefa a se cumprir. O símbolo dá participação e exige participação. Exclui a mera atitude de observador<sup>57</sup>.

Neste sentido, o símbolo foi sempre para o homem sinal da vinculação do visível e do invisível, da nostalgia pela reobtenção da relação positiva para com o transcendente, relação carregada de tensões, culposamente perturbada ou pecaminosamente perdida, sinal de confissão da referência religiosa cultural, proclamação da benevolência da divindade.

“No campo religioso, o símbolo se refere tanto às formas concretas com as quais se explicita uma determinada religião como ao modo de conhecer e de representar os dados próprios da experiência religiosa”<sup>58</sup>.

Nesses símbolos, ainda que muitas vezes se possa reconhecer um substrato antropológico universal, o significado, isto é, *o algo a mais*, a que remetemos, costuma ser definido, por cada autor, com base na sua interpretação geral do fato religioso; se pode, portanto, depender de revelação, da influência social, da emergência de um arquétipo, etc. As ações simbólicas mais típicas de cada religião estão geralmente ligadas aos momentos-chave da vida do homem, com referência constitutiva em face dos maiores problemas da existência humana<sup>59</sup>.

Assim, os símbolos no âmbito da religião não somente estão a serviço do culto, mas também contribuem para tudo aquilo que o homem busca e espera encontrar na religião.

---

<sup>55</sup> HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 8.

<sup>56</sup> Cf. SINAL. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1143.

<sup>57</sup> HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 8.

<sup>58</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 225.

<sup>59</sup> Cf. SINAL. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1143.

“Por isso não existe nenhuma religião sem símbolos, embora seja preciso reconhecer também que o símbolo nunca pode expressá-la totalmente”<sup>60</sup>.

“Também se tem falado de quatro propriedades do símbolo, que se articulam na unidade da função simbólica, sugerem os temas fundamentais da existência humana e alimentam as formas elementares da vida religiosa”<sup>61</sup>: a resistência, a redundância, a ambivalência e a consistência

Enfim, “faz parte da natureza do símbolo não comunicar apenas uma mensagem, mas também favorecer um relacionamento, estimular o desenvolvimento, a explicação, de uma identidade, de um reconhecimento, de uma aliança”<sup>62</sup>.

### 3.2. Os ritos

“Uma forma particularmente importante de um símbolo religioso é o rito, que pode ser definido como ação simbólica, constituída de gesto ou palavra interpretativa, tendo uma estrutura institucionalizada de caráter tradicional, que favorece a participação comum”<sup>63</sup>.

Desse modo:

O homem, por meio do rito, procura estruturar suas mais valiosas experiências para mantê-las no centro de sua consciência e transformá-las assim em fonte de energia e em luz orientadora para sua vida. Essa necessidade, presente nos momentos mais importantes da vida, como o nascimento, o matrimônio, a doença ou a morte, é como uma segunda natureza do homem que anseia transcender a si mesmo e, finalmente, situar-se no mundo que o rodeia e no universo, para dar sentido à sua vida, abrangendo e compreendendo sua existência<sup>64</sup>.

Deve-se enfatizar que: “todavia, o rito é a ação humana típica do homem religioso, de maneira que os ritos abrangem toda a zona da experiência do mistério”<sup>65</sup>. Sendo assim, costuma-se marcar algumas características no rito: uma ação simbólica, realizada de acordo com uma norma prévia, repete-se com certa periodicidade, pretende ter uma eficácia sobrenatural ou tornar presente uma realidade superior

---

<sup>60</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, historia, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 225.

<sup>61</sup> Cf. SINAL. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1144.

<sup>62</sup> SINAL. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1144.

<sup>63</sup> SINAL. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1143.

<sup>64</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, historia, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 231.

<sup>65</sup> MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, historia, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 231.

No cristianismo, os ritos expressam e realizam o mistério da Igreja como “sinal da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano”<sup>66</sup>. A liturgia orbita em torno da Eucaristia e dos Sacramentos que constituem a Igreja e comunicam aos homens o mistério da Salvação.

Cada celebração sacramental é um encontro dos filhos de Deus com seu Pai, em Cristo e no Espírito Santo, e este encontro se exprime como um diálogo, mediante ações e palavras. Sem dúvida, as ações simbólicas já são em si mesmas uma linguagem, mas é preciso que a Palavra de Deus e a resposta de fé acompanhem e vivifiquem estas ações para que a semente do Reino produza seu fruto na terra fértil. As ações litúrgicas significam o que a Palavra de Deus exprime: a iniciativa gratuita de Deus e ao mesmo tempo a resposta de fé de seu povo<sup>67</sup>.

As celebrações devem ser realizadas cuidadosamente sob a responsabilidade dos ministros, observando as orientações e as normas pastorais. A preparação deve ser pessoal, litúrgica e catequética. A eficácia da celebração aumentará se, de acordo com o respectivo ritual, se escolheram as leituras, as orações e outros elementos que melhor respondam às necessidades, idade, condição, gênero de vida, cultura religiosa e grau de preparação daqueles que vão receber os sacramentos. Essa escolha deve ser feita visando ao bem comum da assembleia e de acordo com os que oficiam na celebração, sem excluir os próprios fieis na parte que lhes toca mais diretamente<sup>68</sup>.

A celebração dos sacramentos compreende a Liturgia da Palavra, para que se manifeste a unidade íntima entre a Palavra e o rito, a homilia, os cantos. Os rituais devem ser aplicados com um critério de criatividade sadia e de adaptação responsável às circunstâncias daqueles que recebem os sacramentos<sup>69</sup>.

Os elementos naturais que são exigidos por instituição divina e foram determinados pela Igreja como matéria para a celebração válida dos sacramentos devem estar aptos para expressar a verdade do sinal, de maneira que, em sua preparação e conservação, devam ser respeitadas as normas litúrgicas e canônicas. Da mesma forma, dever-se-á atender às circunstâncias de tempo e de lugar para celebrar de maneira expressiva determinados sacramentos<sup>70</sup>.

---

<sup>66</sup> Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: IGREJA CATÓLICA. *Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 2.

<sup>67</sup> IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. Edição típica vaticana. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 1153.

<sup>68</sup> Cf. MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 283.

<sup>69</sup> Cf. MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 284.

<sup>70</sup> Cf. MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 285.



Entre os sinais do mistério se encontram também os sacramentais. Costumam-se agrupar os sacramentais assim<sup>71</sup>:

- a) Constitutivos em relação com as pessoas.
- b) Constitutivos relacionados com as coisas.
- c) Bênçãos evocativas.
- d) Exorcismos.
- e) Exéquias.

Sua liturgia faz com que quase todo acontecimento da vida seja santificado pela graça divina que flui do Mistério Pascal da paixão, morte e da ressurreição de Cristo, pelo qual todos os sacramentos adquirem sua eficácia<sup>72</sup>.

Enfim, os símbolos litúrgicos são essencialmente religiosos; mas ainda, salvíficos, pois significam e realizam a santificação que Deus realiza em Cristo por meio da Igreja, com os homens, e o culto que os homens oferecem a Deus por Cristo por meio da Igreja.

### **Considerações finais**

Dentre as formas humanas de expressar o pensar, o agir e o fazer humanos, destaca-se a palavra. Mas se devêssemos perguntar exatamente qual a função da palavra e sua importância nas relações sociais nem sempre saberíamos responder com precisão. Em toda e qualquer situação a palavra é o meio privilegiado de comunicação humana, mas muitas vezes por mais clara que seja a palavra, ela pode ser fonte de confusão, sobretudo, se mal interpretada, mal pronunciada, mal compreendida.

Usamos o recurso da palavra para esclarecer, pedir, sugerir, informar, agradecer etc., são múltiplas as suas funções. Quase sempre usamos a palavra estabelecendo um diálogo cuja finalidade é comunicar e formar relações. Muitas vezes damos importância diferenciada às palavras, de acordo com a circunstância em que foram ditas ou por quem foram verbalizadas.

Se estudamos um pouco de língua portuguesa e literatura nos deparamos com a existência de diversas formas de linguagem. Do mesmo modo quando vemos um filme, uma novela, um conto etc. Conforme a intenção do autor ele usa uma figura de linguagem.

---

<sup>71</sup> Cf. MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 296.

<sup>72</sup> Cf. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: IGREJA CATÓLICA. *Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 61.

Sabemos que existe a linguagem da poesia, da ficção, da narração, e muitas outras. Os compositores musicais se servem das diversas formas de compreender a palavra para dizer, por meio da música, muitas realidades que seriam mais difíceis de expressar somente com palavras, às vezes duras e frias.

Assim também se dá com a Bíblia, nos textos sagrados encontramos narração, lei, profecia, sabedoria, poesia, cartas, previsões.

Popularmente chamamos a Bíblia de Palavra de Deus. A rigor ela não é exatamente a Palavra pois esta é a interpretação ou a verbalização daquilo que está escrito. Em todo o caso, podemos sim chamar a Bíblia de Palavra de Deus no sentido de que ela não é um simples registro de intenções. A Bíblia é o registro do diálogo realizado entre o Criador e a criatura, isto é, a concretização do desejo de Deus que se realizou com toda a plenitude na pessoa de Jesus. Deste modo podemos dizer que aquilo que está escrito na Bíblia é, ao mesmo, tempo Palavra e realidade.

Mas como relacionar isto com a liturgia? Antes de tudo é importante responder qual o significado da palavra Liturgia. De origem grega a expressão é *leitourgia*. Traduzido literalmente, significa “serviço feito para o povo” ou “serviço diretamente prestado para o bem comum”. Com este conceito somos forçados a compreender a palavra “liturgia” não exclusivamente como uma palavra restrita ao uso religioso. Este termo pode ser usado para indicar todo e qualquer serviço feito por alguém em favor de outro ou de uma comunidade.

Todavia, é preciso ter muito claro que quem primeiro fez uma liturgia e a completou de forma perfeita foi Deus. Na obra da criação, Ele realizou um maior serviço em favor de todas as criaturas. O serviço, a liturgia, de Deus teve sua forma mais perfeita no sacrifício redentor de Jesus que se deu como vítima pelos nossos pecados.

Como toda boa ação costuma ser recordada, recontada, valorizada, e muitas vezes permanece presente de geração em geração. Do mesmo modo fazemos com a liturgia que Deus realizou por nós e isto nós chamamos de celebração. Aquilo que é julgado importante acaba ficando na memória e no coração.

A liturgia recorda e prolonga a História da Salvação, as ações (o serviço) que Deus realizou e continua realizando em favor do seu povo. Aquilo que lemos na liturgia, não se resume, como já dissemos, em uma carta de boas intenções, trata-se, na realidade, de palavras e fatos muito unidos entre si. A história em que Deus se revela e realiza a salvação é uma história em íntima relação com a palavra, nela a palavra se faz história e a história se faz palavra.

Sendo assim, esta presente pesquisa procurou evidenciar dentro do contexto histórico e religioso, a importância de celebrar a Palavra de Deus como verdadeira ação litúrgica e parte integrante do Mistério Pascal de Cristo, demonstrando o valor da Palavra como elemento constitutivo das comunidades hebraicas e das primeiras comunidades cristãs, mantendo-se como referência até a atualidade.

## Referências

BOROBIO, Dionísio (Org.). *A celebração na igreja I: liturgia e sacramentologia fundamental*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A Homilia*. São Paulo: Paulinas, 1983.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB).  *Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1989.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB).  *Guia litúrgico-pastoral*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, [s.a].

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB).  *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS.  *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS.  *Instrução Redemptionis Sacramentum sobre alguns aspectos que se deve observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

COSTA, Valeriano Santos.  *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.

HEINZ-MOHR, Gerd.  *Dicionário dos Símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994.

IBÁÑEZ, José Antonio Abad.  *La celebración del misterio cristiano*. Pamplona: EUNSA, 1996.

IGREJA CATÓLICA.  *Catecismo da Igreja Católica*. Edição típica vaticana. Brasília: Edições CNBB, 2013.

IGREJA CATÓLICA.  *Concílio Ecumênico Vaticano II. Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, historia, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Liturgia fundamental).

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.

VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.